



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
CAMPUS CORA CORALINA  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**LOURRANE CASSEMIRO DIAS**

**A LEI N°10.639/2003 E O USO DE IMAGENS DE NEGROS NOS LIVROS  
DIDÁTICOS: UM ESTUDO COM OS LIVROS NOVA HISTÓRIA CRÍTICA  
(7°SÉRIE) E HISTÓRIA –SOCIEDADE E CIDADANIA (8° ANO)**

Goiás-GO

2017

**LOURRANE CASSEMIRO DIAS**

**A LEI N°10.639/2003 E O USO DE IMAGENS DE NEGROS NOS LIVROS DIDATICOS: UM ESTUDO COM OS LIVROS NOVA HISTÒRIA CRÌTICA (7°SÈRIE) E HISTÒRIA- SOCIEDADE E CIDADANIA (8°ANO).**

Monografia apresentada ao curso de História da Universidade Estadual de Goiás – Campus Cora Coralina para obtenção do título de Licenciatura Plena em História, aprovada em \_\_\_\_ de dezembro de 2017, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes docentes:

---

Prof. Me. Leonardo De Jesus Silva  
Universidade Estadual de Goiás

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Dailza da Conceição Fagundes  
Universidade Estadual de Goiás

---

Prof<sup>a</sup>. Ma. Lídia da Silva Cruz Ribeiro  
Universidade Estadual de Goiás

GOIÀS-GO

2017

A Minha Mãe, Meu Pai, aos meus Irmãos, aos meus avós!

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, quero agradecer a Deus, por me dar forças para continuar lutado até último momento dessa produção acadêmica.

Aos meus pais, que deram forças para continuar lutando até o último momento dessa produção acadêmica, que estiveram do meu lado o tempo todo, às vezes, suportavam minhas ausências, compreendia meu silêncio, deram suporte para estar aqui hoje, realizando mais uma etapa de concluir ao nível superior. Quero agradecer muito a essas pessoas.

Quero agradecer minha querida Lídia Ribeiro, que me acompanhou durante alguns meses, e por ter me ajudado, a seguir em frente nessa produção acadêmica.

Quero agradecer, minha querida Maria Dailza, por ter me ajudado nessa produção acadêmica.

Quero agradecer ao meu orientador, que teve muita paciência comigo, que acompanhou durante essa produção acadêmica, e que tendo muita paciência em entender meus limites, reconhecer alguns avanços conquistados.

E aos meus avós, que me deram forças para continuar lutando por meus objetivos. Eles também estiveram ao meu lado o tempo todo, às vezes compreendiam minha ausência, às vezes suportavam a saudade de ver, de vez em quando.

Aos meus irmãos, que suportavam minha ausência, ao ver-me de vez em quando. Amos vocês.

Quero agradecer a todas essas pessoas, por tem me ajudado, ao longo dessa produção acadêmica. Muito obrigado!

“Ser livre não é apenas se livrar das correntes que lhe prendem, mas viver sendo capaz de respeitar e engrandecer a liberdade dos outros”

Nelson Mandela

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Abertura da Unidade I .....	24
Imagem 2: Abertura da Unidade I.....	24
Imagem 3: Abertura do Capítulo 1.....	25
Imagem 4: Abertura do Capítulo 1.....	26
Imagem 5: Abertura do Capítulo 1.....	27
Imagem 6: Abertura do Capítulo 1.....	28
Imagem 7: Capítulo 14.....	28
Imagem 8: O texto como fonte .....	28
Imagem 9: A imagem como Fonte .....	29
Imagem 10: Capítulo 4 .....	30
Imagem 11: Trabalhando com Blogs.....	30
Imagem 12: Capítulo 7.....	30
Imagem 13: Capítulo 13.....	31
Imagem 14: Capítulo 12.....	32
Imagem 15: Capítulo 10.....	33
Imagem 16: Capítulo 3 .....	34
Imagem 17: Capítulo 3 .....	34
Imagem 18: Abertura do Capítulo 1.....	35
Imagem 19: Capítulo 14.....	36
Imagem 20: Capítulo 14.....	37
Imagem 21: Introdução Livro Didático de Mario Schmidt .....	37
Imagem 22: Capítulo 14.....	38
Imagem 23: Capítulo 14.....	39
Imagem 24: Capítulo 9 Livro Didático de Mario Schmidt.....	40
Imagem 25: Capítulo 9 .....	40
Imagem 26: Unidade II .....	40
Imagem 27: Capítulo 1.....	42
Imagem 28: Capítulo 1.....	42
Imagem 29: Capítulo 3.....	43
Imagem 30: Capítulo 3.....	44
Imagem 31: Capítulo 13.....	44

Imagem 32: Capítulo 14.....	45
Imagem 33: Capítulo 14.....	46
Imagem 34: Capítulo 14 .....	46

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	9
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>CAPÍTULO 1 – A LEI E O ENSINO DE HISTÓRIA</b> .....	13
1.1– A Lei História e Cultura Afro-Brasileira e o Ensino.....	13
1.2 – O Livro Didático.....	15
<b>CAPÍTULO 2 – ANÁLISE DAS IMAGENS NEGRAS NOS LIVROS DIDÁTICOS</b> .....	20
2.1 – História E Imagem: Análise Comparativa nos livros didáticos.....	20
2.2 – Aspectos Culturais.....	23
2.3- Mulheres.....	29
2.4- Resistência.....	36
2.5- Trabalho Escravo.....	41
<b>FONTES</b> .....	49
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	50

## **RESUMO**

Esta produção monográfica tem por objetivo fazer uma análise sobre as imagens negras. Em relação ao ensino de história. De Alfredo Boulos Júnior 2012, Mario Furley Schmidt 1999. Para ver como essas imagens negras são divulgadas no livro didático, referente ao ensino de história. Será trabalhado a Lei nº 10.639/2003 que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira, os demais documentos que orientam a pesquisa As Relações Etnicorraciais, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história cultura afro-brasileira e africana. Por isso a escolha do tema reflete muito a importância de falar sobre as questões étnico-raciais com fins à construção da igualdade entre os diferentes, que esse tema possa ser estudado, discutindo cada vez mais no ensino de história, e também essas pessoas que pertence nas relações étnico-raciais possa estar buscando sua identidade dentro das propostas curriculares.

**PALAVRAS-CHAVE:** Livro didático, Ensino de História, A Lei nº 10.639/2003.

## **ABSTRACT**

This monographic production aims to make an analysis about the black images. In relation to the teaching of history. From Alfredo Boulos Júnior 2012, Mario Furley Schmidt 1999. To see how these black images are divulged in the textbook, related to the teaching of history. Law No. 10,639 / 2003, which amends Law No. 9,394, of December 20, 1996, will be worked out, which establishes the guidelines and bases of the national education, to include in the official curriculum of the Teaching Network the obligation of the subject History and Culture Afro- Brazilian, the other documents that guide the research Ethnicoracial Relations, National Curricular Guidelines for the Education of ethnic-racial relations and for the teaching of Afro-Brazilian and African culture history. Therefore, the choice of theme reflects the importance of talking about ethnic-racial issues for the purpose of building equality between the different, that this theme can be studied, discussing more and more in the teaching of history, and also those people who belong in ethnic-racial relations may be seeking their identity within the curricular proposals.

**KEYWORDS:** Alfredo Boulos Júnior's textbook, Mario Furley Schmidt, Teaching History, Law 10.639 / 2003.

## INTRODUÇÃO

A partir da Sanção da Lei. 10.639/2003 houve a obrigatoriedade da inclusão da temática História e Cultura Afro-Brasileira no ensino oficial brasileiro. Esta produção monográfica tem objetivo fazer uma análise sobre as imagens negras, em relação ao ensino de história. Dos livros didáticos de Alfredo Boulos Júnior<sup>1</sup> 2012. Mario Furley Schmidt<sup>2</sup> 7º série Nova História Crítica 1999, para ver como essas imagens negras são apresentadas sobre o ensino de História.

Pela análise, sobre as imagens negras, em relação ao ensino de história. Será feita uma tabela, para ver as mudanças ocorridas dois livros didáticos, de Alfredo Boulos Júnior, Mario Furley Schmidt.

Por isso objetivo desta pesquisa fazer uma análise sobre as imagens negras, desses dois livros didáticos de Alfredo Boulos Júnior, Mario Furley Schmidt, para ver como e apresentado esse conteúdo no ensino. Principalmente em relação as imagens negras, para ver realmente como elas são divulgadas como uma imagem pejorativa, ou positiva. Se autores realmente atendem a obrigatoriedade da Lei, ou não, por isso o eixo norteador da pesquisa vai embasar nesses pontos essenciais.

Por isso a escolha da obra, será de Mario Furley Schmidt 1999, para ver como as imagens, são divulgadas em relação ao ensino de história. O livro de Alfredo Boulos Júnior de 2012.

O ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, até antes era excluído do currículo, quase não discutia esse assunto. Aliás nem era obrigatório. Quando falava desse assunto era só para caracterizar uma lembrança. Ainda por cima com denotações ideológicas expressando conceitos racistas, discriminações, preconceitos, racismos, desvalorizando a importância desse conteúdo.

---

<sup>1</sup> Alfredo Boulos Júnior Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Doutor em educação pela PUC-SP lecionou no Ensino Fundamental da rede pública e particular e em cursinhos pré-vestibulares. É autor das coleções construindo *Nossa Memória e o Sabor da História*. Assessorou a Diretoria Técnica da Fundação para o Desenvolvimento da Educação – São Paulo.

<sup>2</sup> Mario Furley Schmidt é o autor que mais vende livros de História no país. Com 10 milhões de exemplares, sua coleção Nova História Crítica foi lida por cerca de 30 milhões de estudantes.

Por isto o referente assunto reflete tal embasamento no combate contra a discriminação racial, estereótipos. Em relação às imagens negras no livro didático. Com isso, será trabalhado a Lei 10.639/2003, que altera a Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira.

Nosso trabalho foi dividido em *dois* capítulos. No primeiro, capítulo *A Lei e o Ensino De História*. A pesquisa terá por objetivo sobre a história e cultura afro-brasileira no ensino. A partir da análise do livro didático queremos investigar se os requisitos estabelecidos pela Lei nº10.639/2003 estão atendidos no uso das imagens por esse material.

No segundo capítulo *Análise Das Imagens nos Livros Didáticos*. Este capítulo tem por objetivo fazer uma análise sobre as imagens negras nos livros didáticos, de Alfredo Boulos Júnior, Mario Furley Schmidt. Para ver como essas imagens transmitidas nos dois livros didáticos.

Espera-se que esta produção monográfica possa servir tanto de interesse de futuros professores, e outros pesquisadores da área, sobre a representatividade que exercem nos livros didáticos, na formação humana. Por isso, este tema reflete muito a importância de falar sobre as questões étnico-raciais com fins à construção da igualdade entre negros e não negros. Que esse tema possa ser estudado cada vez mais, e ser discutido no ensino de História. E também que essas pessoas pertencentes às relações étnico-raciais possam estar buscando sua identidade dentro das propostas curriculares.

## **CAPÍTULO 1**

### **A LEI E O ENSINO DE HISTÓRIA**

O capítulo a seguir trata de uma pesquisa sobre a história e cultura afro-brasileira no ensino. A partir da análise do livro didático queremos investigar se os requisitos estabelecidos pela Lei nº10.639/2003 estão atendidos no uso das imagens por esse material.

#### **1.1 A Lei História e Cultura Afro-Brasileira e o Ensino**

Souza (2005), contextualiza parte da sua obra a luta contra o racismo no ensino oficial brasileiro, e valoriza o estudo das relações raciais em sala de aula. Foco dessa pesquisa é na luta contra a discriminação racial, preconceito, estereótipo, no ensino oficial brasileiro, ou seja, lutar pelo bem-estar de uma comunidade livre de preconceito.

O silêncio escolar sobre o racismo cotidiano não só impede o florescimento do potencial intelectual de milhares de mentes brilhantes nas escolas brasileiras, tanto de alunos negros quanto de brancos, como também nos embrutece ao longo de nossas vidas, impedindo-nos de sermos seres realmente livres “ para ser o que for e ser tudo” – livres dos preconceitos, dos estereótipos, dos estigmas, entre outros males. Portanto, como professores (as) ou cidadãos (ãs) comuns, não podemos mais nos silenciar diante do crime de racismo no cotidiano escolar, em especial se desejamos realmente ser considerados educadores e ser sujeitos de nossa própria história. (SOUZA, 2005, p.11,12).

O Silêncio no ambiente escolar sobre o racismo impede o crescimento de tanto de alunos negros quanto de alunos brancos, no ambiente escolar. Isso impede que as pessoas possam ser realmente livres. Livres desses males que prejudica auto-estima dessas crianças, fazendo que estas crianças sintam seres inferiores aos outros. Para isto cabe no papel do educador e da escola, ao discutir a importância de combater esse aspecto maligno que prejudica o ambiente escolar, não só o ambiente escolar mais as crianças também, para que não sintam inferiores a ninguém. (SOUZA, 2005)

Vale ressaltar que, “Uma educação anti-racistas não só proporciona o bem-estar do ser humano, em geral, como também promove a construção saudável da cidadania e da democracia brasileiras”. (SOUZA, 2005, p.14). Uma educação anti-racista e a luta pelo caminho igualitário no cotidiano escolar, ou seja, promove o bem-estar de uma comunidade livre da discriminação, racismo, estereótipos, no ensino.

Anderson Oliva (2003) analisa a forma como a história da África aparece nos livros didáticos de Brasil e Portugal. Seu estudo aponta que o continente ainda é pouco estudado e as perguntas sobre sua história são difíceis de responder.

Talvez as respostas sofram algumas variações, na densidade e na substância de conteúdo, dependendo para quem ou onde a pergunta seja proferida. Acredito, no entanto, que o silêncio ou as lembranças e imagens marcadas por estereótipos, preconceituosas vão se tornar ponto comum na fala daqueles que se atreverem a tentar formular alguma resposta. (OLIVA, 2003, p.423).

Devido as respostas proferidas sobre continente africano ainda continua sendo esquecido de estudar, e quando aparece as imagens de negros só derrota e humilhação sobre o continente africano. (OLIVA, 2003)

Nascimento (1991), procura demonstrar em sua pesquisa, como era o estudo da África no início dos anos 1990, por meio do IPEAFRO (Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros) e a Secretaria Extraordinária de Defesa e Promoção das Populações Negras (SEDEPRON). Diante da sua pesquisa, ela procura demonstrar, os fundamentos das propostas, de como um livro didático, deve estabelecer para tratar-se de assuntos como a história e cultura afro-brasileira, sem discriminar a sua origem, em relação ao livro didático.

O Documento *Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História Afro-Brasileira e Africana*, de 2004 visa incluir a definição dos objetos de educação das relações étnicos raciais no ensino,

§ 1º A Educação das relações Étnico – Raciais tem por objetivo a divulgação e produção de conhecimentos, bem como de autores, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto á pluralidade étnico-racial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam, a

todos, respeito aos direitos legais e valorização de identidades, na busca da consolidação da democracia brasileira. (BRASIL, 2004 § 1º Art. 2º, p.31).

A Educação das relações Étnico-Raciais tem objetivo de atingir uma rica produção de conhecimentos e a valorização dos estudos, do ensino de história e cultura afro-brasileira, na luta pela igualdade. Assim propõe cidadãos para que possam estar conhecendo a rica diversidade cultural, e a valorização das identidades, e o respeito, na perspectiva de um caminho igualitário, ao combate racismo. (BRASIL, 2004).

O documento visa oferecer a necessidade de combater o racismo no cotidiano escolar, devido um grupo de estudiosos e pesquisadores, que buscou neste parecer projetos pedagógicos que visam trabalhar na luta contra o racismo, e a discriminação racial no cotidiano escolar. Essa Lei resgata historicamente a valorização das identidades africanas, no ensino oficial Brasileiro. (BRASIL, 2004).

A Educação Para As Relações Etnicorraciais, refere-se a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira no ensino. E aponta que estudo sobre África e um conteúdo muito importante, não só para conteúdo da história, mais para comunidade sentir-se valorizada e estimulante.

Estudar e refletir sobre a África de ontem e de hoje, a história do Brasil contada na perspectiva do negro, com exemplos na política, na economia, na sociedade em geral é um dos objetivos que precisamos alcançar. Queremos aqui reafirmar a constante presença da marca africana dos nossos ancestrais na literatura, na música, na criatividade, na forma de viver e de pensar, de dançar, de falar, de rezar e festejar. (BRASIL, 2004, p.93).

Vale ressaltar que o documento aponta características fundamentais, sobre a grande importância de estudar a cultura africana a ser valorizada no ensino de história. E ressalta a importância de estudar principalmente, a dança, culinária, literatura, arte, festas, em geral, para que possibilita um caminho igualitário, livre da discriminação, preconceito, racismo, no cotidiano escolar. (BRASIL, 2004).

## **1.2. O Livro Didático**

Dentro dos estudos sobre os usos e abordagens do livro didático no Brasil, a historiadora Circe Bittencourt tem um trabalho muito importante. Ela ressalta que os usos de matérias didáticos passam por várias etapas na sua produção, que existe

um controle curricular por partes dos professores. Assim, o livro didático se torna um objeto muito complexo, por possuir vantagens e desvantagens no ensino, as vezes é culpado pelas mazelas do ensino, fica sendo difícil dar uma definição concreta sobre seu uso. Com base nas pesquisas desenvolvidas sobre o livro didático, a autora aborda características fundamentais sobre o ensino de história, e redimensionam propostas e fundamentos, principalmente em relação ao uso de livro didáticos no ensino.

A familiaridade com o uso do livro didático faz que seja fácil identificá-lo e estabelecer distinções entre ele e os demais livros. Entretanto, trata-se de objeto cultural de difícil definição, por ser obra bastante complexa, que se caracteriza pela interferência de vários sujeitos em sua produção, circulação e consumo. Possui ou pode assumir funções diferentes, dependendo das condições, do lugar e do momento em que é produzido e utilizado nas diferentes situações escolares. É um objeto de “múltiplas facetas”, e para sua elaboração e uso existem muitas interferências. (BITTENCOURT, 2004, p.301).

Assim o livro didático passa pela caracterização de vários agentes que participam de sua elaboração e consumo. Inclusive autora dimensiona propostas e fundamentos sobre o ensino de história, em relação ao uso de livros didáticos no ensino, e aborda como um livro didático deve se estabelecer para ser trabalhado sobre o ensino de história. (BITTENCOURT, 2004).

Jörn Rüsen (2010) ressalta que o livro didático é considerado a ferramenta mais importante do ensino. Por isto, o livro didático recebe uma ampla atenção, por parte de pesquisadores em relação ao seu uso no ensino de história. O autor aborda como deve-se estabelecer um bom livro didático, para aprendizagem da história. Que esse ideal é apresentado os objetivos da aprendizagem da história.

Rüsen mostra as dimensões que um livro didático deve ter, e a importância dele para ensino prático. E os aspectos formais sobre sua utilidade para o ensino prático. “Serão convenientes um modelo claro e simples, uma distribuição e uma estruturação claras de todos os materiais, ajuda para a orientação na forma de títulos e indicações e, também, um anexo, que inclua um índice, um glossário com explicações” (RÜSEN, 2010, p.115). Com base na afirmação o livro didático precisa atender um modelo claro e simples, bem estruturado, para atender todas demandas de um ensino, sem uma estrutura adequada não teria como ser trabalhado no ensino.

Outros aspectos importantes mencionados que o livro didático precisa atender uma estrutura adequada, com a capacidade de compreensão do indivíduo, se conteúdo não estiver bem estruturado e uma linguagem padrão, impossibilita uma capacidade de compreensão do indivíduo. “ Em toda a sua estrutura, o livro didático tem que levar em conta as condições de aprendizagem dos alunos e alunas. Tem que estar de acordo com sua capacidade de compreensão”. (RÜSEN, 2010, p.116).

Outra dimensão seria utilidade do livro didático para percepção histórica. Seria uma relação com um conteúdo bem estruturado e textos que apresentam diferentes

Metodologias<sup>3</sup>, iconográficas<sup>4</sup>. Com a capacidade de percepção histórica dos estudantes. Sem uma estrutura adequada dos materiais didáticos fica difícil, dos estudantes ter uma compreensão dos objetivos propostos nos livros didáticos.

Mediante o modo como apresentam o passado, mediante diferentes materiais, os livros didáticos devem incitar as percepções e experiências históricas. Têm que abrir os olhos das crianças e jovens às diferentes qualidades da vida humana através dos tempos. Portanto, não devem apresentar unicamente as experiências históricas já interpretadas e as percepções já assimiladas de forma cognitiva. (RÜSEN, 2010, p.119).

Com base na argumentação, a aprendizagem da história depende essencialmente dos materiais didáticos bem estruturados, que visam atender uma pluridimensionalidade dos conteúdos históricos que possibilita uma compreensão dos estudantes. (RÜSEN, 2010).

Fonseca (2003), aborda o uso do livro didático no ensino. Que as pesquisa nos últimos tempos sobre os livros didáticos, tem passando por várias mudanças de produção. “ As mudanças operadas no ensino de história nas últimas décadas do século XX se processaram em estreita relação com o universo da indústria cultural”. (FONSECA, 2003, p.50). Pela subjetividade apontada sobre seu uso no ensino de história, implicaria refletir sua relação com o mercado editorial, desde as transformações ocorridas pelo seu processo de produção.

---

<sup>3</sup> Metodologia é uma palavra que segue um método. Assim como estimular o entendimento das relações e categorias de ordem histórica.

<sup>4</sup> A palavra iconografia define qualquer imagem registrada e as representações por trás da imagem. Como conceito, abarca desde desenhos, pinturas e esculturas, até fotografias, cinema, propaganda, outdoors; tanto a imagem fixa quanto a imagem em movimento.

Fonseca (2009) conforme dados apresentados sobre o ensino de história precisa de mudanças. Este projeto<sup>5</sup> tem a capacidade de provocar muitas reflexões sobre o conteúdo no ensino e a formação de professores.

Uma leitura muito importante para nosso trabalho foi o texto de Bittencourt (2003) no qual explícita as características fundamentais de um livro didático assim como a metodologia de trabalhar a imagem no ensino de história. Ela revela que as imagens só serviam para ilustrar diversos conteúdo, não tinha uma forma de leitura das imagens de modo a questionar e criticar.

Atualmente as obras didáticas estão repletas de ilustrações que parecem concorrer, em busca de espaço, com os textos escritos. Ao lado dos acervos iconográficos reproduzidos nos livros, têm sido ampliadas a produção e a utilização de “imagens tecnológicas” em vídeos e, mais recentemente, as informáticas dos softwares e dos CD-ROMs. As mais famosas editoras de livros escolares fazem produções de multimídia educativas, e novos títulos de CD-ROM de História têm sido lançados no Brasil nos últimos anos. (BITTENCOURT, 2003, p.69 e 70).

As características apontadas que as imagens ganhem mais espaço nas formas de leitura, não só para servir como meras ilustrações no livro didático (BITTENCOURT, 2003).

Munakata (2007) afirma que o livro didático se encontra em vários lapsos conceituais por passar pela indústria cultural, antes de ir para o mercado, com isso o livro didático pode ser bem produzido ou mal produzido, isso vai depender do seu processo de fabricação. “ O ideológico do livro didático encontra-se para além dos eventuais lapsos conceituais e éticos é um dos dispositivos fundamentais da educação escolar”. (MUNAKATA, 2007, p.137).

Mattos (2003) afirma que devido aprovação do novo parâmetro curricular nacional e possível fazer uma abrangência de trabalhar mais sobre a pluralidade cultural no ensino. Assim será mais respeitada, suas tradições, línguas, manifestações culturais. Na batalha contra a discriminação racial no Brasil. Por isto objetivo do PCNs<sup>6</sup> foi estabelecer um ao auxílio ao ensino. “ Ao definirem o tema transversal “pluralidade cultural”, os autores dos PCNs enfatizam que não se trata de dividir a sociedade brasileira em grupos culturalmente fechados, mas educar com vistas a estimular a “. (MATTOS, 2003, p.127). A perspectiva desse tema estimular

---

<sup>5</sup> Projeto Veredas é curso de formação superior de professores que foi projetado e implementado pela Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais.

<sup>6</sup> Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)

cada vez mais na batalha contra a discriminação racial no Brasil, para que seja mais respeitado as diferenças culturais no ensino de história.

Este capítulo propôs demonstrar a importância do livro didático para trabalho docente e a história ensinada no Brasil a partir dos reflexos da Lei 10.639/2003. Até então o ensino de história e cultura afro-brasileira não era trabalhado nas escolas, havia grande exclusão em relação a população negra, nos livros didáticos, com a aprovação da lei passou-se a um “imperativo legal” que resultou em propostas e conquistas significativas.

## **CAPÍTULO 2**

### **ANÁLISE DAS IMAGENS NEGRAS NOS LIVROS DIDÁTICOS**

Este capítulo tem por objetivo fazer uma análise comparativa das imagens negras nos livros didáticos, de Alfredo Boulos Júnior 8ºano História Sociedade & Cidadania, Mário Furley Schmidt 7ª série Nova História Crítica, para ver como essas imagens são transmitidas nos dois livros didáticos. Um posterior a Lei 10.639/2003, outro de 1999.

#### **2.1 História e Imagem: Análise Comparativa nos livros didáticos**

Para Menezes Ulpiano Bezerra (2012) ao interpretar os termos iconografia e iconologia, o nome de Erwin Panofsky foi fundamental. Principalmente, em análise de imagens, e obras de arte. Para ela não servir apenas como uma ilustração.

Seja como for, conviria acentuar, primeiro, que as imagens não contribuem apenas para representar o passado, mas também para construí-lo; em seguida, que os diferentes modos de representação visual – fotografias, pinturas, gravuras, esculturas, cinema, objetos tridimensionais etc. – deixam marcas específicas nessa produção do passado. (MENEZES, 2012, p.259).

Pelos estudos realizados por historiadores, as imagens deixam marcas registradas devido a uma produção do passado, mas não pode construir apenas uma visão do passado. Por isso as propostas de Erwin Panofsky conquistaram cada vez mais, em análises de imagens. Por romper essa barreira da visualidade, não servir apenas como uma ilustração. (MENEZES, 2012).

A partir dessa reflexão pautada em Panofsky propomos abordar as imagens do livro didático de Alfredo Boulos Júnior (2012), Mario Furley Schmidt (1999).

Para a análise sobre as imagens negras, dos dois livros didáticos, primeiro, faremos uma tabela a partir dos sumários de cada um. Assim teremos o livro didático antes da Lei de 1999, e depois da Lei 10.639/2003. Para verificar as mudanças ocorridas nesses dois livros didáticos.

<b>Livro Didático- Mario Furley Schimdt 1999</b>	<b>Livro Didático- Alfredo Boulos Júnior 2012</b>
<b>Introdução -O que já estudamos</b>	<i>Unidade I: Cultura e Trabalho</i>
Capítulo 1- A revolução Inglesa	<i>Capítulo 1- Africanos no Brasil: dominação e resistência</i>
Capítulo 2 -O Iluminismo	<u>Capitulo 2- A marcha da colonização na América portuguesa</u>
Capítulo 3 -O Século Do Ouro	<u>Capítulo 3 – A sociedade mineradora</u>
Capitulo 4 -A Independência Dos EUA	Unidade II: A luta pela cidadania
Capítulo 5- A Revolução Francesa	<u>Capítulo 4- Revolução Industrial</u>
<b>Capítulo 6 -As Revoltas Anticoloniais</b>	Capítulo 5- Iluminismo
Capítulo 7- Revolução Industrial	Capítulo 6- A formação dos Estados Unidos
Capítulo 8- A Independência Do Brasil	<u>Capítulo 7- A Revolução Francesa</u>
<b>Capítulo 9- A Independência Da AM. Espanhola</b>	Capítulo 8- A Era Napoleônica
Capítulo 10- Liberais e Nacionalistas	Unidade III: Emancipação, terra e liberdade
<b>Capítulo 11- Primeiro Império</b>	<u>Capítulo 9- Independências: Haiti e América espanhola</u>
Capítulo 12 -O período Regencial	<u>Capítulo 10- A emancipação política do Brasil</u>
Capítulo 13 -O Segundo Império	Capítulo 11- O reinado de Pedro I: uma cidadania limitada
Capítulo 14 -Doutrinas Sociais	<u>Capítulo 12- Regências: a unidade ameaçada</u>
Capítulo 15- A Unif. Da Itália E Da Alemanha	<u>Capítulo 13- O reinado de Pedro II: modernização e imigração</u>

Capítulo 16 -O Imperialismo	Capítulo 14- <u>Abolição e República</u>
Capítulo 17- A América do Século XIX	Capítulo 15- Estados Unidos no século XIX
Capítulo 18- A Europa No Final Do Século XIX	Capítulo 16- A Europa no Século XIX
Capítulo 19 - A Abolição Da Escravatura	
Capítulo 20- A República	

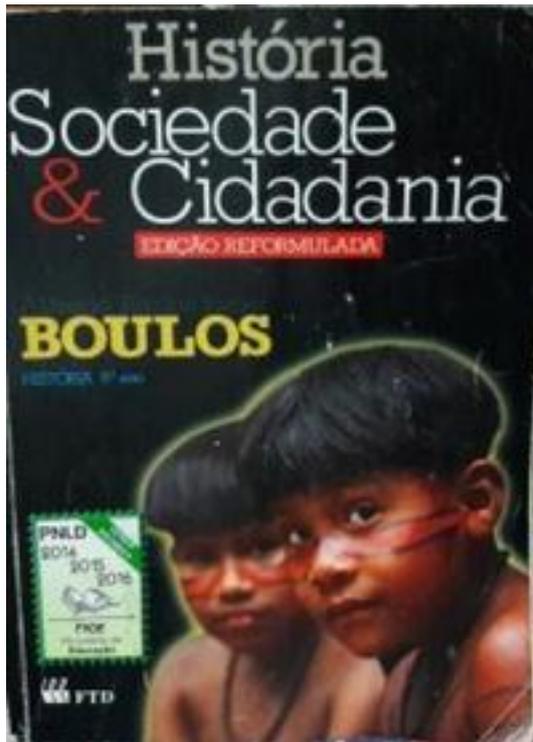
**Fonte:** Mario Furley Schmidt

**Fonte:** Alfredo Boulos Júnior

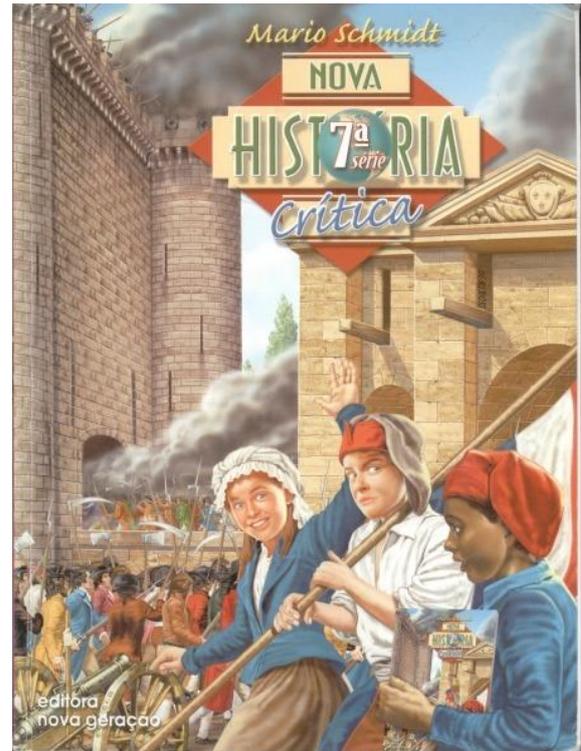
Com base na tabela e possível identificar as diferenças em relação ao conteúdo do livro didático de Mario Furley Schmidt, de Alfredo Boulos Júnior.

Com base no livro didático de Mario Furley Schmidt, os capítulos que estão destacados em amarelos, não trabalham sobre o ensino de história cultura afro-brasileira, não tem conteúdos positivos. Quando aparece as imagens de negros, estão relacionados ao corpo do texto mesmo.

E no livro didático de Alfredo Boulos Júnior, apresenta conteúdos positivos em relação a imagens negras, sobre ensino de história cultura afro-brasileira. Os capítulos que estão itálicos abordam sobre o ensino de história e cultura afro-brasileira. Os que estão sublinhados, as imagens aparecem em vários contextos, ao decorrer da obra.



Capa do Livro



Capa do Livro

## 2.2 Aspectos Culturais

MAUAD (2009) aborda sobre uso de imagem na produção do saber histórico escolar. Assim ao longo da sua obra autora específica, como deve ser trabalhada a imagem no livro didático, e seu papel na produção do saber histórico escolar. “ As imagens são concebidas como lugares de experimentação, nos quais se produz um saber que é resultado de uma vivência produtiva”. (MAUAD, 2009, p.247). Ela especifica ao longo da obra, como deve ser analisado as imagens no ensino de história. E apresenta exercícios de análise sobre as imagens no ensino de história.

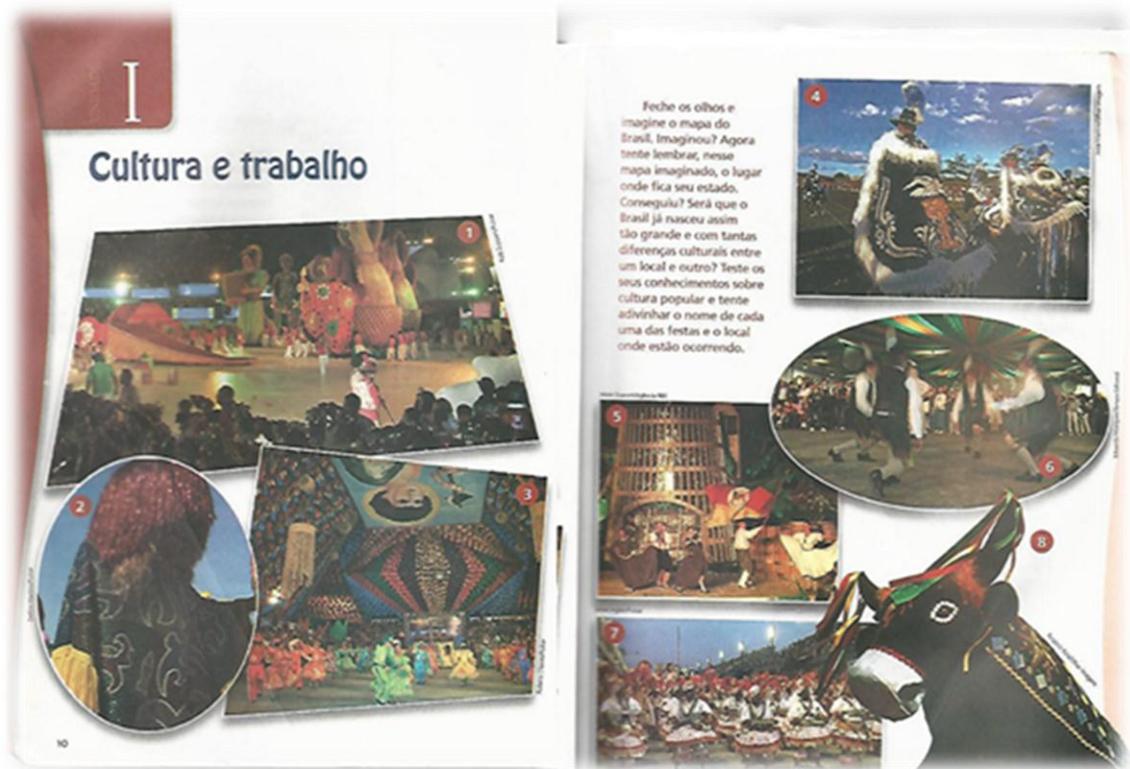


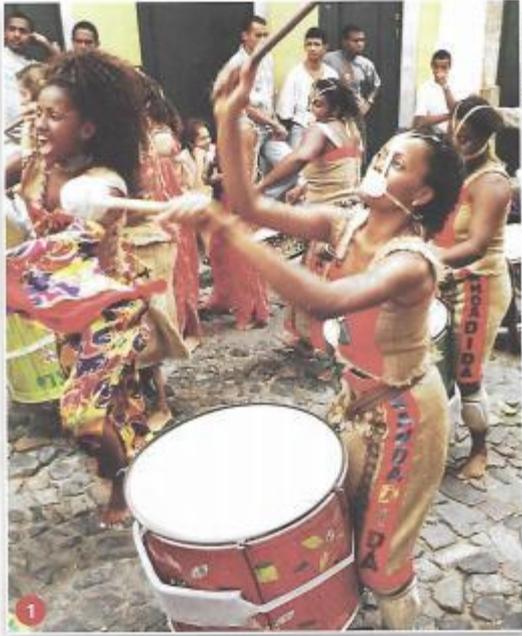
Imagem 1: Abertura da Unidade I  
Fonte: Alfredo Boulos Júnior

Imagem 2: Abertura da Unidade I  
Fonte: Alfredo Boulos Júnior

A imagens 1 e 2 caracteriza as festas populares que acontecem em todo o país. São festas folclóricas, como a quadrilha, alas baianas no carnaval, vária de um local para outro. Com base na discussão, o texto identidades em construção trata desse resgate da identidade, por que, as vezes essa identidade excluída em debates, e discriminada. Ao longo dessa obra o debate será sobre a identidade, na busca pela igualdade. Essa identidade era simplesmente negada ou excluída da sociedade. “ A cultura e a identidade nacionais (ditas no singular) foram substituídas, neste caso, por um conjunto multifacetado e plural de práticas, ideias, padrões de comportamento”. (BRASIL, 2012, p.194).

Pelas características apontadas ao decorrer da obra, este texto reflete muito a importância de resgatar essa identidade. No ensino, não só no ensino, mas um diálogo em forma de construção. Para ser discutidos em todos parâmetros curriculares nacionais.

**1** Africanos no Brasil:  
dominação e resistência



Observe as fotos destas personalidades. O que elas têm em comum? Quais delas você conhece? Você tem acompanhado a contribuição delas à vida social brasileira? Teste seus conhecimentos: escreva no seu caderno o nome e o trabalho desenvolvido por elas.

UNIDADES - CULTURA E TRABALHO

Imagem 3: Abertura do Capítulo 1  
Fonte: Alfredo Boulos Júnior

A imagem 3, mostra as festas populares, onde essas mulheres negras saem à rua para expressar sua rica diversidade cultural, pelo fato do livro didático não apresentar nenhuma legenda. O autor aborda sobre a história dos africanos no livro didático. Ele mostra como era a história dos africanos.

Já no livro didático de Mario Schmidt esse conteúdo é excluído, não apresenta essas imagens. Com base na discussão essa identidade precisa ser resgatada, as vezes essa identidade só aparece com uma imagem pejorativa.

Portanto, ao partimos do princípio de que somos membros de uma sociedade multicultural avançamos no esforço de identificar nossas várias ancestralidades e agentes formadores. Implodimos com mitos de origem que insistem a nos tratar como membros de uma única cultura – primeiro a europeia e depois a cultura nacional (única e fruto da miscigenação). De forma parecida, assumimos a necessária urgência de elaboramos políticas e estratégias que combatam as desigualdades geradas por essências discriminatórias e que permitam aos diversos grupos ou componentes

dessa mosaico que é a Identidade Nacional (plural e diversa) se auto afirmarem, sendo valorizados e reconhecidos por todos. (BRASIL, 2012, p.200).

A partir que somos membros de uma sociedade em que se identificamos em nossas ancestralidades, pelos seus valores e tradições, não podemos insistir ao tratar membros de única cultura. Por que existem várias diversidades ao ser respeitadas e valorizadas. (BRASIL, 2012).

A imagem 4 mostra uma mulher negra com seus traços culturais. Esta imagem mostra sua rica diversidade cultural, como os pratos culinários o acarajé, vatapá, mungunzá, quibebe, caruru, bobo de camarão.

A contribuição dos africanos para a construção do Brasil está na língua que falamos; na literatura, nas artes, no esporte, na ciência, e nos nossos modos de sentir, falar, pensar, festejar e orar. Muitas receitas da cozinha brasileira também foram desenvolvidas por mãos africanas; entre os pratos afro-brasileiros estão o bobó de camarão, o vatapá, o mungunzá, o quibebe, o caruru e o acarajé. (BOULOS, 2012, p.15).

Devido a história dos africanos enquanto o tráfico durou, milhões de africanos foram trazidos para o Brasil e consigo trouxeram suas culturas como a culinária. Que hoje ela faz parte de nossa culinária no Brasil.



Imagem 4: Abertura do capítulo 1  
Fonte: Alfredo Boulos Júnior

A imagem 5 mostra um grupo de pessoas de diferentes etnias que está praticando a capoeira. Mostra a contribuição dos africanos que trouxeram suas culturas para o Brasil, uma delas é a capoeira, que hoje é bastante praticada no Brasil.



Imagem 5: Abertura do capítulo 1  
Fonte: Alfredo Boulos Júnior

A imagem 6 e 7, caracteriza um grupo de pessoas que estão praticando a capoeira. Por que o autor aborda a história dos africanos. E as duas imagens estão, em contextos diferentes. Por que, a imagem 6, está no tópico *resistência*, do capítulo 1. E mostra que muitos escravos resistiam por meio da resistência, através de castigo rigoroso, ou quando o senhor não cumpria sua palavra, com seu escravizado, para garantir a liberdade, o que seria a carta de alforria. Era costume o escravo fugir.

Já a imagem 7, está no capítulo 14, *Abolição e República*, mostra o contexto histórico sobre o fim da abolição. A imagem está no tópico *resistência dos escravizados*, o qual esclarece a resistência desses escravizados, que resistiam por meio das fugas, em busca pela liberdade.

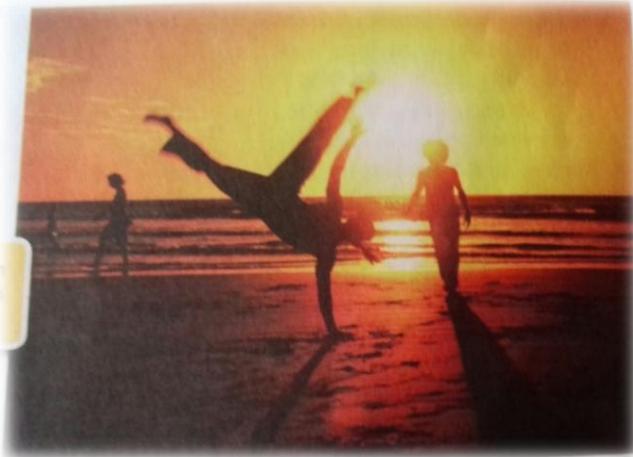


Imagem 6: Abertura do capítulo  
Fonte: Alfredo Boulos Júnior

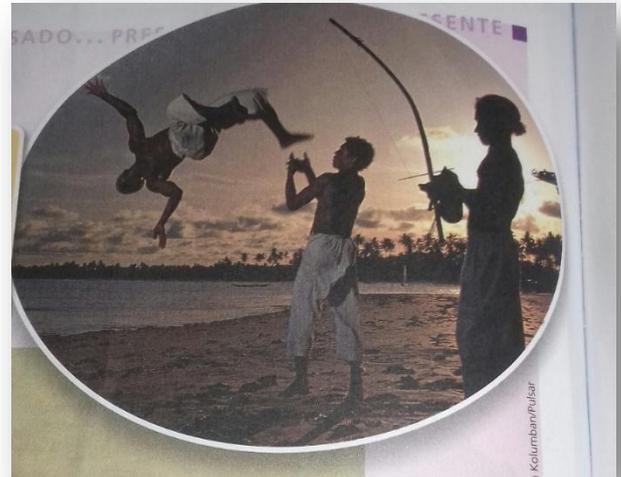


Imagem 7: Capítulo 14  
Fonte: Alfredo Boulos Júnior

A imagem 8 caracteriza um grupo de pessoas negras acompanhado de outros músicos. Está imagem mostra a valorização dessas pessoas. Sendo assim essas pessoas não tinha direito algum. A imagem está no contexto histórico, sobre o fim da abolição. *A cor da cultura*.



Imagem 8: O Texto como Fonte  
Fonte : Alfredo Boulos Júnior

## 2.3 Mulheres



Imagem 9: A Imagem Como Fonte <sup>7</sup>  
Fonte: Alfredo Boulos Júnior

A imagem 9, apresenta três mulheres sentadas de um mesmo grupo étnico racial. E ao seu lado com cinco bonecas de diferentes etnias . Esta imagem mostra uma rica diversidade cultural, mas ao mesmo tempo essas três mulheres sentadas vendem bonecas para chamar atenção do público sobre uso de bonecas de diferentes etnias. Para estimular pessoas a comprar as bonecas.

A imagens 10 e 11 são duas mulheres negras, que estão ocupando cargos diferentes. Uma está trabalhando com a central de telefônica, a outra está trabalhando com um blog . Nestas duas imagens é possível identificar a valorização dessas duas mulheres. Até antes essas imagens não parecia em hipótese alguma, quando aparecia era só apanhado, de forma negativa .

---

<sup>7</sup> A imagem é uma foto tirada recentemente na Vila Madalena, um bairro da cidade de São Paulo.

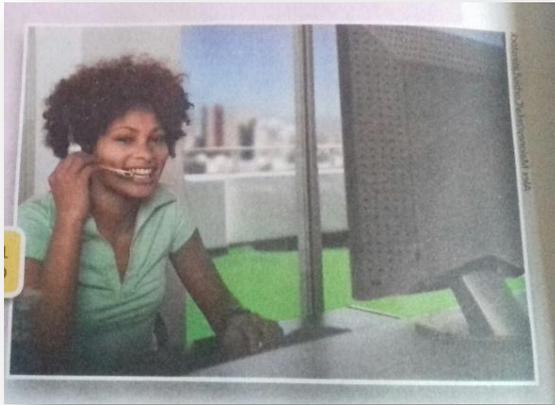


Imagem 10: Capítulo 1  
Fonte: Alfredo Boulos Júnior



Imagem 11: Trabalhando com blogs  
Fonte: Alfredo Boulos Júnior

A imagem 12, é de uma mulher negra, que vai aparecer em temáticas de histórias geral como a Revolução Francesa. Boulos também fez uso de uma imagem da mulher negra o que podemos observar na abertura do capítulo 7.



Imagem 12: Capítulo 7  
Fonte: Alfredo Boulos Júnior

A imagem 13, é de uma mulher negra, que aparece no contexto histórico do livro didático, no tópico *o tráfico interprovincial*. A característica desta imagem, que

essa mulher está toda bem arrumada. Pela legenda desta imagem “ foi fotografada por Christiano Jr., importante fotógrafo dos tempos do Império”. (Boulos, 2012).



Imagem 13: Capítulo 13  
Fonte: Alfredo Boulos Júnior

A imagem 14, são duas mulheres negras <sup>8</sup>com seus aspectos físicos e culturais que aparece em conteúdo diferentes. Por que o autor usa essas duas imagens, de duas mulheres negras, no conteúdo sobre a *revolta dos Malês: Bahia*, ele poderia ter usado imagem negativa. Uma pergunta que se refere meras reflexões. Por que pode deixar o leitor, ou aluno confuso, em relação a essas duas imagens aparecer no contexto histórico da revolta dos Malês.

Essa revolta ocorreu na Bahia foi a mais importante revolta escrava considerada na época uma revolta de Insurreição nagô o nome seria dado aos iorubas na Bahia. Essa revolta foram os escravos que fizeram rebeliões por terem sido explorados no trabalho, humilhados e desprezados pela sua cor.

---

<sup>8</sup> A imagem e de duas mulheres a esquerda uma mulher nigeriana, à direita mulher baiana.



Imagem 14: Capítulo 12

Fonte: Alfredo Boulos Júnior

A imagem 15, é de Jean-Baptiste Debret (1768-1848), que representou diversos aspectos dos afrodescendentes, como as vendedoras que comparecem ao um enterro de uma mulher negra, carregando seus diversos tabuleiros, com seus aspectos típicos de seus povos. Essa imagem aparece no contexto da Conjuração Baiana que foi um movimento com objetivo de Independência ocorrida em Salvador em 1789, muitos deles era libertos ou livres como vendedores ambulantes.

Já no livro didático de Mario Schmidt esse conteúdo aparece como a Conjuração dos Alfaiates. Nesse contexto a uma diferença de conteúdo, por que no livro de Boulos já apresenta o conteúdo mais positivo, imagem positiva. Única das diferenças, destacando os protagonistas. No livro de Boulos, os negros baianos. No livro de Schmidt, os alfaiates. Por que o conteúdo são os mesmos só muda o conteúdo dois livros didáticos, o livro de Mario Furley Schmidt de 1999, antes da Lei, o livro didático de Alfredo Boulos Júnior, depois da Lei.10.639/2003.

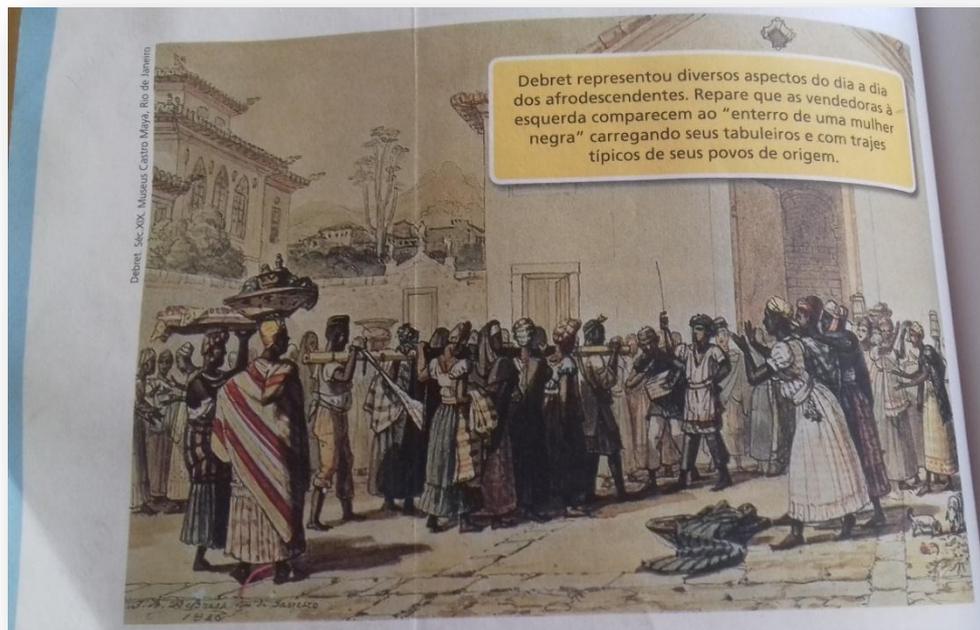


Imagem 15: Capítulo 10

Fonte: Alfredo Boulos Júnior

A imagens 16 e 17, são duas mulheres negras. Na primeira imagem mostra duas mulheres negras livres. Pela legenda da imagem é possível destacar que as “mulheres livres pobres que circulavam por Minas no século XVIII”. (BOULOS, 2012). “Era o caso, por exemplo, das mulheres que vendiam doces e salgados em tabuleiros pelas ruas. As “negras de tabuleiro” eram conhecidas não só por seus quitutes”. (BOULOS, 2012, p.56).

As duas mulheres negras livres, desempenhavam suas funções como escravas de ganho ou mulheres de tabuleiros. Essas duas mulheres negras saíam a rua para vender, doces e salgados. Com intuito de comprar a liberdade. Para ajudar muitas das vezes o próprio sustento da família.

A imagem 17, são duas mulheres negras escravas. Pela legenda essas mulheres “repare que elas estão descalças, que é como podiam andar as pessoas escravizadas; na época, estar calçado era um sinal de distinção social”. (BOULOS, 2012, p.56). Por ter sido consideradas escravas sem distinção social, nesta época só podiam andar calçados aquelas pessoas que tinham uma distinção social, ou quem tinha sua liberdade.



Imagem 16: Capítulo 3

Fonte: Alfredo Boulos Júnior



Imagem 17: Capítulo 3

Fonte: Alfredo Boulos Júnior

A imagem 18, é de uma mulher negra, com uma criança sendo carregada nas costas. A imagem está no contexto histórico *As Mulheres De Tabuleiro De Ontem E De Hoje*, na abertura do capítulo 1. “ A comercialização do acarajé tem início ainda no período da escravidão com as chamadas escravas de ganho que trabalhavam nas ruas, para as suas senhoras desempenhando diversas atividades “. (BOULOS, 2012, p.24).

Esta imagem mostra como essas mulheres de tabuleiro saíam às ruas para desempenhar sua função, como a venda de acarajé, para garantir seu próprio sustento, é de suas famílias.

É por ser consideradas livres, mesmo assim ainda essas mulheres tinham que prestar conta aos senhores.



Imagem 18: Abertura do capítulo 1

Fonte: Alfredo Boulos Júnior

Com base nessa discussão muitas mulheres sofriam por resistência mesmo. Apesar do trabalho pesado o dia todo, quando chegava à noite não tinham um descanso. Já as mulheres de tabuleiro saíam a rua para vender seus doces e salgados, ou seja, eram escravas livres, enquanto as mulheres negras escravas não participava tanto do comércio, mais por trabalhos domésticos.

Ao cair da noite, exaustos, os negros e negras não podiam, ainda, descansar. Tinham de trancar as portas; fechar as pesadas janelas; acender as velas nos castiçais, candeeiros, lampiões; preparar chás e refeições noturnas; prover de água as moringas; esquentar os lençóis com ferros quentes; despejar e limpar urinóis e escarradeiras de porcelana; alimentar os braseiros; lavar os pés dos senhores; limpar as botas e botins para o dia seguinte, etc. (MAESTRI, 1994, p.63).

Isto mostra como era o trabalho dessas pessoas, que sofriam por não ter liberdade, por ser considerados como animais selvagens, sem distinção social, só era considerado aquelas pessoas que conseguia a carta de alforria, mais mesmo assim era obrigado ainda ao servir seus senhores. (MAESTRI, 1994).

## 2.4 Resistência



Imagem 19: Capítulo 14

Fonte: Alfredo Boulos Júnior

A Imagem 19, é da estátua da Teresa de Benguela do Quilombo Quariterê, em vila bela da Santíssima Trindade, no Mato Grosso. Está imagem mostra a resistência dessas pessoas que reagiram a escravidão de diversas formas, fugindo.

Repare que essa imagem mostra Teresa Benguela com força determinada para ir à luta pelos direitos, e por melhores condições de vida.

A Imagem 20, é de um soldado negro que acaba de voltar da guerra do Paraguai. Pela legenda da imagem é possível caracterizar alguns elementos da imagem. Este soldado percebe que uma pessoa está sendo violentada, pelo seu semblante parece ser um parente familiar. Note que esse lugar parece ser numa fazenda. Note também que tem um feitor vigiando seu “escravo” caso ele não cumprisse a regra, ele também poderia apanhar.

Já a imagem 21, aparece do negro apanhado, em redor muita gente observando. Pelo contexto histórico do livro didático de Mario Schmidt, essa imagem está no conteúdo *A escravidão na América*.

Pelas duas cenas do livro didático Alfredo Boulos Júnior, e do Mario Furley Schmidt. No livro didático aparece os negros sendo vítima de violência. O livro didático de Boulos cumpri a obrigatoriedade da Lei 10/639/2003. É o livro didático de Mario Schmidt, não cumpri a Lei. Já Boulos insere, essa imagem para mostrar como era a forma de resistência dessas pessoas.



Imagem 20: Capítulo 14  
Fonte: Alfredo Boulos Júnior



Imagem 21: Pelourinho (Séc.XIX)  
Fonte: Mario Furley Schmidt

A imagem 22, são de grandes personagens como da Luís Gama, André Rebouças, Joaquim Nabuco. Essas pessoas lutaram na justiça contra o fim da escravidão. Nessa imagem acima mostra essas três pessoas juntado pedras para construir uma barreira, especificando um símbolo em defesa da abolição, pelo José do patrocínio na qual ele foi jornalista.



Imagem 22: Capítulo 14

Fonte: Alfredo Boulos Júnior

A imagem 23, é de um homem negro que lutou contra o fim da escravidão no Ceará, ficou conhecido como Jangadeiro José do Nascimento, por ter liderado um grupo de jangadeiros por ter negado a transportar escravos do Ceará para o Sudeste, o qual colaborou para o fim da escravidão no Ceará. Repare que nessa imagem muito barco está em alto mar, com pretensão de ir à luta para o fim da escravidão, em cada barco está escrito a frase libertadora. Em busca da liberdade,

ou seja, ninguém aguentava ser prisioneiro, onde ninguém podia ser livre. Só era livre aquelas pessoas que tinham a carta de alforria.



Imagem 23: Capítulo 14

Fonte: Alfredo Boulos Júnior

A Imagem 24, mostra um homem negro todo bem vestido em cima de um cavalo. Essa personagem é representação de Toussaint Louverture, na marcha pela chave da independência do Haiti. Apesar de ter sido escravizado. Ele liderou a mais gigantesca revolta dos escravos da história da Américas.

A imagem 25, representa um homem negro, ele está todo desarrumado, com um pau, na cintura com uma faca. Essa imagem representa o símbolo, desse personagem que está tudo pronto para ir para revolução, na busca pela liberdade, contra o fim da escravidão.

Os dois livros didáticos têm o mesmo conteúdo. O livro didático de Alfredo Boulos Júnior, no capítulo 9, *A independência Da Am.Espanhola*. O livro didático de Mario Furley Schmidt, no capítulo 9, *Independências: Haiti e América espanhola*. Um cumpri a obrigatoriedade da Lei. 10.639/2003. E outro o livro de 1999 fica sendo antes da Lei.



Imagem 24: Capítulo 9  
Fonte: Alfredo Boulos Júnior



Imagem 25: Capítulo 9  
Fonte: Mario Furley Schmidt

A imagem 26, é uma estátua de Zumbi, onde muitas pessoas estão em volta, com seus trajes culturais e típicos, para celebrar o Dia Nacional da Consciência Negra, no centro do Rio de Janeiro.



Imagem 26: Unidade II  
Fonte: Alfredo Boulos Júnior

Nessa ocasião, torna-se público o Manifesto Nacional do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, que declara o combate ao racismo

nas suas formas e espaços diversos, além de propor o dia 20 de novembro como data de afirmação da consciência negra (consolidado por meio do artigo 79-B da LDB 9394), exortando os valores e o espírito libertário de Zumbi dos Palmares, em oposição à reificadora celebração oficial do 13 de Maio, posteriormente ressignificada pelo próprio MN como Dia de Reflexão e Luta contra a Discriminação. Tal movimentação visava problematizar a ideia de abolição a partir de fatos históricos e dados estatísticos levantados e avaliados nos encontros e reflexões articuladas pelo coletivo negro. (BRASIL, 2012, p.128).

Além da resistência, Zumbi dos Palmares foi um dos símbolos que lutou contra o fim da escravidão. Ainda hoje, ele é um dos símbolos que visa à ideia de espírito libertário, na luta contra a discriminação racial no Brasil. O artigo visa a ideia de combater o racismo e a discriminação racial ainda existente, pelo fato dos seus ancestrais ter sido considerados como animais selvagens, sem nome, pela sua cor. De forma são reflexões que visa uma movimentação na luta pela igualdade, sem discriminação. (BRASIL, 2012).

## **2.5 Trabalho Escravo**

A imagem 27, de três homens trabalhando. Um carrega o tabuleiro na cabeça cheios de vasilhas, e ao lado esquerdo dois homens carrega uma pedra.

A imagem 28, mostra homens e mulheres trabalhando. As mulheres com tabuleiro na cabeça que sai à rua para vender doces e salgados, nisso os homens carrega lenha nas costas, note que todos estão descalços, apenas um está com sapato, por que naquela época só era considerada pessoas com distinção social, quem fosse rico, que podia andar calçado.

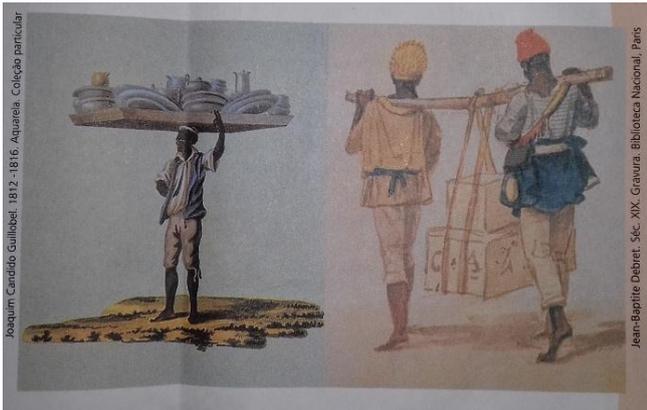


Imagem 27: Capítulo 1  
Fonte: Alfredo Boulos Júnior



Imagem 28: Capítulo 1  
Fonte: Alfredo Boulos Júnior

A Imagem 29, representa um grupo de homens negros trabalhando numa mineradora, note que tem um feitor vigiando cada um trabalhando, se alguém para descansar, ou tentar ficar com uma pedra de ouro, era punição na certa. As vezes até morte, de tanto apanhar. Com isso o texto de Mário Maestri ressalta como era o trabalho dos escravos e sua função desempenhada e a carga horária trabalhada no qual homens e mulheres tinham que cumprir sua obrigação.

Ao cair da Noite, exaustos, os negros e negras não podiam, ainda, descansar. Tinham de trancar as portas; fechar as pesadas janelas; acender as velas nos castiçais, candeeiros, lampiões; preparar chás e refeições noturnas; prover de água as moringas; esquentar os lençóis com ferros quentes; despejar e limpar urinóis e escarradeiras de porcelana; alimentar os braseiros; lavar os pés dos senhores; limpar as botas e botins para o dia seguinte, etc. (MAESTRI, 2012, p.63).

Com base nessa discussão o autor menciona como era a forma do trabalho escravo, ou seja, essas pessoas não tinham o direito de descanso trabalhavam até a morte, eram obrigados senão apanhava de uma forma muito violentada, causo desobedecem. Aqueles que conseguiram ser considerados livres pelos seus feitores, sobre sua condição, estavam em melhor estadia. "Alguns ganhadores obtinham o direito de viver independentemente. Escravos ganhadores, depois de anos de sacrifícios, juntaram a soma necessária para comprar a liberdade aos senhores". (MAESTRI, 2012, p.65). Isso era forma pelo qual os escravos as vezes conseguia ser livre, sendo obediente ao seu senhor.



Imagem 29: Capítulo 3  
Fonte: Alfredo Boulos Júnior

A imagem 30, é de homens negros<sup>9</sup> trabalhando numa mina onde estão explorado ouro, note que eles trabalham sobre forte pressão e várias pessoas vigiando em volta. Repare que o feitor conta cada ouro que foi explorado, se faltar algum ouro, era punição na certa. “Os senhores residiam nas mais confortáveis fazendas, onde dirigiam os trabalhos rurais, e ocupavam as residências urbanas apenas em ocasiões especiais – eleições, festas, entressafra, etc.”. (MAESTRI, 2012, p.56).

Enquanto muitos escravos trabalhavam até morrer, seus senhores tinham milhares de fazendas, e ficava na zona mais confortável, e tinha o direito de descanso a hora que quiser, e uma alimentação rica. Aliás o resto só comia a sobra, muitos morriam pela fome, de tanto trabalhar, espancado, humilhado. Ainda por cima nem era considerado como gente. (MAESTRI, 2012).

<sup>9</sup> A imagem é de homens de negros trabalhando numa mina, onde estão explorado ouro, aliás essas pessoas essas pessoas estão trabalhando sobre forte pressão, sendo vigiando por várias pessoas em volta. Note que tem um feitor contando cada ouro que foi explorado. Se faltar algum ouro, essas pessoas eram submetidas a punição mesmo.

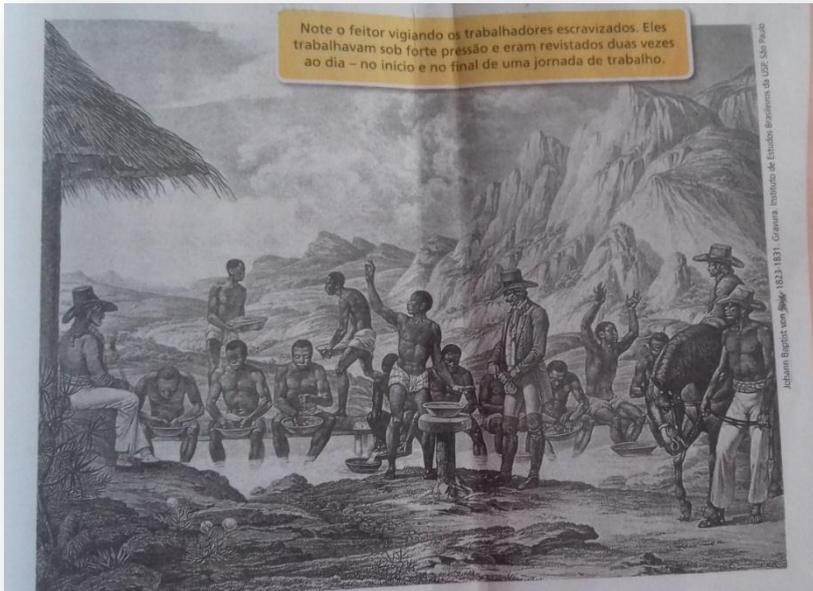


Imagem 30: Capítulo 3  
 Fonte: Alfredo Boulos Júnior

A imagem 31, ressalta um grupo de pessoas negras escravizadas. Repare que nessa imagem que tem uma mulher negra grávida cuidando de um menino, que está bem vestido, enquanto outras pessoas estão todas desarrumadas. Essas pessoas não tinham o direito a nada, eram submissas aos seus feitores.

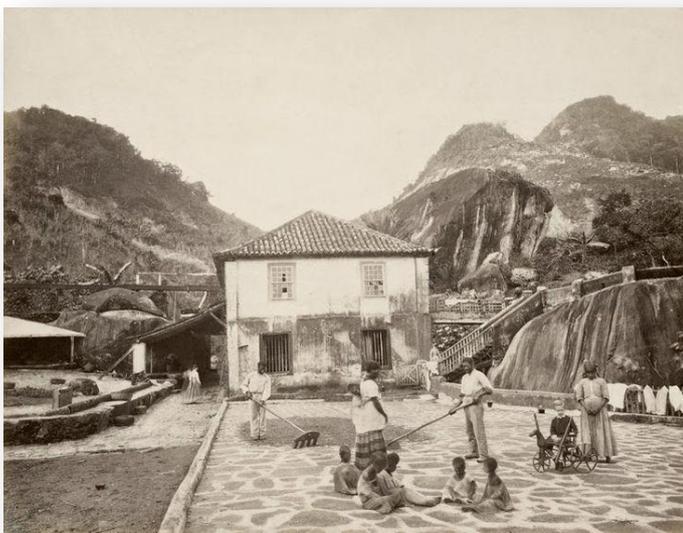


Imagem 31: Capítulo 13  
 Fonte: Alfredo Boulos Júnior

A Imagem 32, mostra um homem negro fazendo uma barba, de outro homem negro sentado na cadeira, repare o que homem negro que está fazendo a barba está todo bem vestido, com sapatos. Agora repare que nessa imagem do homem negro ele está sentado todo desarrumando, e descalço. De forma essas pessoas escravizadas não eram consideradas como gente, sem distinção social. Pessoas que conseguia ser consideradas livres, ou por ter melhores condições de vida, podia ter uma vida normal, mais tinha que dar prestação de conta aos seus senhores.

Nesse contexto do capítulo mostra o movimento social abolicionista, contra o fim da escravidão. Esse movimento tinha por objetividade de divulgar suas mensagens por meios de passeatas, artigos. Por garantir a liberdade de muitos, lutar pelos seus direitos.

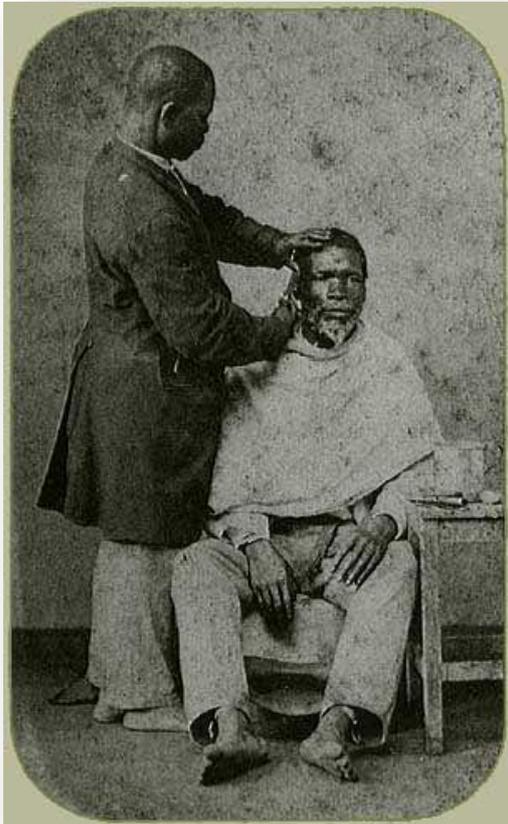


Imagem 32: Capítulo 14  
Fonte: Alfredo Boulos Júnior

A Imagem 33, é de uma família negra. Pela legenda da imagem é possível caracterizar essa informação. “Diante disso, os libertos foram obrigados a aceitar os piores serviços, os mais baixos salários e a convivência com um racismo silencioso,

mas carregado de violência”. (BOULOS, 2012, p.251). Aqueles que não conseguiu uma estabilidade, teve os piores serviços, uma moradia ruim.

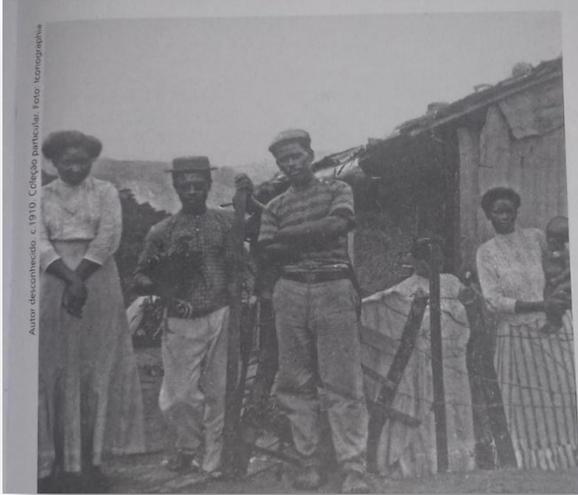


Imagem 33: Capítulo 14  
Fonte: Alfredo Boulos Júnior

A Imagem 34, é de uma família negra toda bem estruturada. Dentro desse contexto mostra a vida dessa pessoas recém- libertas, na luta contra o fim da escravidão. Muitas pessoas que conseguiu ter uma vida livre, se deu bem, enquanto aquelas pessoas que foram escravizados durante o tempo todo, aliás não teve tanta oportunidade assim. Depois do fim da abolição.



Imagem 34: Capítulo 14  
Fonte: Alfredo Boulos Júnior

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante os dados coletados da pesquisa tanto do livro didático de Alfredo Boulos Júnior 2012. O livro didático de Mario Furley Schmidt 1999, foi possível identificar as mudanças ocorridas, entre os dois livros didáticos. Por que um cumpre a obrigatoriedade da Lei 10.639/2003, enquanto Schmidt demonstra, como era a visão do negro do livro didático. Como uma visão negativa, estereotipada, pessimista, que enfatiza apenas a derrota e humilhação.

Pela análise comparativa desses dois livros didáticos, para ver como as imagens negras são apresentadas nos livros didáticos. Foi feita uma tabela, para ver as mudanças ocorridas, dos dois livros didáticos.

Com base nos dados da tabela, foi possível ver as mudanças ocorridas, entre os dois livros didáticos. Principalmente em relação ao conteúdo do livro didático, e as imagens.

Pelos dados da tabela sobre, o livro didático de Mario Furley Schmidt. Os capítulos que estão destacados em amarelos, não trabalham sobre o ensino de história cultura afro-brasileira, não tem conteúdos positivos. Quando aparece as imagens de negros, estão relacionados ao corpo do texto mesmo.

No livro didático de Alfredo Boulos Júnior, apresenta conteúdos positivos em relação a imagens negras, sobre ensino de história cultura afro-brasileira. Os capítulos que estão itálicos abordam sobre o ensino de história e cultura afro-brasileira. Os que estão sublinhados, as imagens aparecem em vários contextos, ao decorrer da obra.

Pela análise sobre as imagens negras, é possível ver o tanto de imagens negros no livro didático de Alfredo Boulos Júnior, e o livro didático de Mario Furley Schmidt sobre os dois livros didáticos. Um atende a obrigatoriedade da Lei 10.639/2003, que altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira.

O livro de Mario Schmidt não tem conteúdo que apresenta aspectos positivos, em relação à população negra aliás só negativo, o livro fica sendo antes

da Lei. Isso é uma forma de discriminação em relação à população negra, sobre o ensino de história.

O livro didático de Alfredo Boulos Júnior apresenta muitas imagens positivas em relação à população negra. Pela seguinte observação ao longo da análise algumas imagens estão em conteúdos diferentes, isso pode deixar os alunos confusos, em alguns momentos.

O tema ao ser pesquisado tem a expectativa de despertar tanto interesse de futuros professores sobre o exercício da representatividade sobre os livros didáticos, onde exerce na formação humana. Ao falar das questões étnico-raciais no ambiente escolar, para que esta produção contemple um avanço pedagógico na formação humana, elegendo-se diversos discursos no livro didático contra a discriminação racial, estereótipos, racismo, preconceito, sobre o ensino de história. Na esperança de um caminho igualitário, livre desses aspectos prejudiciais que fazem mal à sociedade!

## FONTES

BOULOS JÚNIOR, Alfredo **História & Sociedade Cidadania** – Edição reformulada, 8ºano/Alfredo Boulos Júnior. 2.ed.-São Paulo: FTD, 2012.

BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, 2004: Conselho Nacional de educação.

BRASIL, **Lei nº. 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera Lei nº.9394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática histórica cultura afro-brasileira e da outra providência.

BRASIL, **Ministério da Educação / Conselho Nacional de Educação**. CP/DF Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004. Institui as diretrizes curriculares nacionais para educação das relações Etnicorraciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.

BRASIL, **Ministério da Educação**. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Universidade Federal de Goiás. Educação para as relações Etnicorraciais / Orgs: MORAES, C. C.P; LISBOA, A.S; OLIVEIRA, L.F./autores: Allysson Fernandes ...[et al.]; -2.ed.- Goiânia: FUNAPE: UFG/Ciar, 2012.

SCHMIDT, Mario Furley, **Nova História Crítica**/ Mario Furley Schmidt. - São Paulo: Nova Geração, 1999.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Livros e Materiais Didáticos de História. In: Ensino de História: Fundamentos e Métodos.** São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_, Circe (org.). O Saber Histórico na Sala. 8ª ed.- São Paulo: Contexto, 2003.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo **História: Sociedade & Cidadania** – Edição reformulada, 8ºano/ Alfredo Boulos Júnior. -2.ed.-São Paulo: FTD, 2012.

FONSECA, Selva G. Livros Didáticos e paradidáticos de História. In: **Didática e prática do Ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados.** Campinas, SP: Papyrus, 2003, p.49-57.

\_\_\_\_\_, Selva (org.). Ensinar e Aprender História: formação, saberes e práticas educativas. Campinas: Alínea, 2009.

MAESTRI, Mario, **O Escravismo no Brasil/** Mário Maestri; coordenação Maria Ligia Prado, Maria Helena Capelato. –São Paulo: atual, 1994.

MATTOS, H. ou castro, h. m. m. **O Ensino da História e a Luta Contra a Discriminação Racial no Brasil.** In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Org.). Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia. Rio de Janeiro. Casa da Palavra, 2003, p. 127-139.

MAUAD, Ana M. **Ver e Conhecer: o uso de imagens na produção do saber histórico escolar.** In: Helenice Rocha; Marcelo Magalhães; Rebeca Gontijo. (Orgs.). A escrita da história escolar: memória e historiografia. 1ª ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2009, p.247-262.

MENEZES, Ulpiano T Bezerra **História e Imagem: Iconografia/ Iconologia e Além.**  
In: Cardoso, Flamarion Ciro; Vainhas, Ronaldo (org.). *Novos Domínios da História.*  
Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p.243-262.

MUNAKATA, Kazumi. **“O livro didático e o professor: entre a ortodoxia e a apropriação”** In: Monteiro, Ana Maria F. da Costa. *Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas.* Rio de Janeiro, Editora Mauad, 2007.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.) **África na Escola Brasileira.** 2 Ed. Rio de Janeiro, Seafro, 1991.

OLIVA, Anderson Ribeiro. **A História da África nos Bancos Escolares: Representações e Imprecisões na Literatura Didática.** *Estudos Afro-asiáticos.* Rio de Janeiro, ano 25, nº3, 2003.

RÜSEN, Jorn. **O Livro Didático Ideal.** In: SCHMIDT, M.A; Barcia, I. e Martins, E.R. (Orgs). *John Rüsen e o ensino de História.* Curitiba: UFPR, 2010, p.109-120.

SCHMIDT, Mario Furley **Nova História Crítica/** Mario Furley Schmidt. –São Paulo: Nova Geração, 1999.

SOUZA, Francisca Maria do Nascimento. *Linguagens escolares e reprodução do preconceito.* In: **educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/2003.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.p.105-120.